

TEXTOS LITERÁRIOS

AUTORES PORTUGUESES

# Sôbre história e historiografia

(Da «História de Portugal» e dos «Opúsculos»)

POR

ALEXANDRE HERCULANO

(Seleccção, prefácio e notas de António Sérgio)

LISBOA

1 9 3 7

António Sérgio

TEXTOS LITERÁRIOS 1562

AUTORES PORTUGUESES S. BA. HER. Sôb

# Sôbre história e historiografia

(Da «História de Portugal» e dos «Opúsculos»)

POR

ALEXANDRE HERCULANO

(Seleccção, prefácio e notas de António Sérgio)

BIBLIOTECA  
ANTÓNIO  
SÉRGIO

445

LISBOA

1937

# Intervals

Temos examinado as relações que se poderiam dar entre nós e aquela porção de Tribus, celticas, denominadas os Britannos.

Qual é o resultado de tudo o que fica dito? — Que é impossível ir entroncar com a nossa história, ou delas ser logicamente a esta. Tudo falta — a conveniência de limites territoriais, a identidade da raça, a filiação

de língua, para estabelecermos  
 uma transição natural entre  
 estes povos bárbaros e nós.  
 Se o boiarem estancado em  
 uma parte do novo território  
 nos dene o bem pouco preciso  
 direito de os considerar como  
 antepassados, esse direito  
 pertencera igualmente à  
 Galiza, à Extremadura e  
 a Castela, e, até, à Andalu-  
 zia. Por outra parte,



é evidente que a antiga  
 raça celtica, não só da  
 Lusitânia, mas também  
 de outra qualquer parte  
 da Península, se com o  
 tempo, desaparecendo por fim  
 na nebulosa de tantas in-  
 voções e conjunctas como as  
 que passaram por este solo,  
 e substituído em virtude do  
 domínio romano por  
 traços por uma radicalmente

4

a sociedade. Em tempos  
antigos podem ter relações  
com a história da mulher  
na Espanha; nunca, po-  
reim, com a nossa. Portu-  
gal, nascido no século  
XII em um angulo da  
Galiza, constituido sem  
atenção ás divisões poli-  
ticas anteriores, dilatando  
se pelo territorio do  
gharb Sarraceno, e bus-  
cando até, como vere-

mos, aumentas a  
 sua população, com  
 as colónias fragitas  
 de além dos Pireneus,  
 é uma nação inteiri-  
 ramente moderna.  
 Apesar, porém, da su-  
 curta existência, ela não  
 carece de apropriar-se  
 a gloria de Sertorio ou  
 de reestir de uma  
 importância em parte  
 ficticia as accções  
 de Viriato para se

6

ensoberbecer. A historia  
verdadeiramente sua  
é assás honrada  
sem essas vaidades  
estranhas, e estas  
longe de terem o valor  
que se lhes atribue  
quanto os conside-  
ramos de perto, e  
que só serviram para  
distrahir enfembos,  
aliás grandes, pelo  
campo dos conjunctos  
Jurros. Quanto a



4  
pelo d' insulsas fabulas  
com dano de mais  
reueras e prociutos  
mitafações.

Provincia reparada  
da monarchia de  
leão pelos successos  
que em breue estudo  
remos, e constituida  
como individuos poli-  
ticos pelo esforço e  
tenacitate dos nossos  
primeiros principes  
e dos seus cavaleiros,  
o reino de Portugal  
formou-se

pelos domos meios  
 da revolução e da  
 conquista. A independen-  
 dencia cujos funda-  
 mentos obscuros lançou  
 por morte de Afonso  
 VI o conde do distrito  
 portucalense, Henrique  
 de Borgonha, independen-  
 dencia consolidada  
 pela sua viuva e  
 estabelecida definiti-  
 vamente por seu  
 filho, foi completada  
 pelas conquistas deste

9  
dos seus quatro primeiros  
sucessores, até além do  
meado do século XIII, nos  
territórios mouriscos do  
gharb ou ocidente. Deste  
modo a nova monar-  
quia compôs-se de dois  
fragmentos; um leonês,  
outro sarraceno: daquelle  
troude a origem e com  
ela, digamos assim,  
a fysiologia e a fisionomia  
da sociedade; a este  
impôs vencedora os pro-  
prios caracteres, postoque,  
como devia acontecer

dele recebesse modificações  
 orgânicas. Estes dois  
 factos pertencem á  
 historia da civilização  
 do paiz; constituem as  
 fontes dessa civilização.  
 Para lá reservamos o  
 espólio. Mas junto a estes  
 dois factos ha outros dois  
 da ordem politica; a luta  
 de desmembração e a de  
 assimilação. A monarchia  
 de que Portugal fazia  
 parte resistiu longamente  
 á cisão, como era natu-  
 ral; a sociedade musul-  
 mana resistiu ainda mais  
 energicamente á incorpo-  
 ração, o que tambem era



natural. Estas resistências  
formam a parte princi-  
pal da história dos  
acontecimentos no primei-  
ro período ou infância  
da sociedade portuguesa.